

Onde está a dança nas escolas portuguesas? A propósito do curso de dança para professores do ensino básico orientado pelo Prof. Maurizio Padovan

Maria Helena Vieira

La danza nella scuola dell'obbligo

Braga, Universidade do Minho, 21-25 de Fev. de 2000

[...] pela primeira vez editorialmente a possibilidade de realizar não só sugestivas actividades expressivo-motoras, (que sempre foram, desde a Antiguidade, consideradas entre as mais educativas), mas também de as tornar, na escola e na sociedade, verdadeiro e indispensável instrumento didáctico para realizar afinal aquela interdisciplinaridade (que não é uma aproximação) tantas vezes ignorada ou distorcida e, contudo, tão defendida pelos pedagogos e pelos próprios Programas Ministeriais.¹

São estas as palavras usadas por Giordano Bianchi, Presidente do Centro de Educação Musical de Base (C.E.M.B.) de Milão para definir o curso *La Danza nella scuola dell'obbligo*, na introdução do livro com o mesmo título, assinado por Maurizio Padovan e Federica Calvino Prina. Aquilo que, em 1995, Bianchi celebra “editorialmente” em Milão, podemos nós agora celebrá-lo vivencialmente em Braga (ou em Lisboa, onde o curso também já foi ministrado algumas vezes).²

O lugar da dança nas escolas do ensino genérico (a escola “obrigatória,, “dell'obbligo”), o seu valor pedagógico no sentido artístico mais “estrito” e no sentido lato transdisciplinar, são os aspectos que fazem deste curso, em Portugal como em Itália, uma “pedrada no charco” (perdoe-se o grafismo visual da metáfora...).

Quando consideramos o espectro das actividades artísticas previstas para o 1º Ciclo do Ensino Básico em Portugal, deparamo-nos com as já famosas quatro “expressões”: musical, dramática, plástica e físico-motora.

A dança não constitui pois, curricularmente, uma “expressão autónoma” mas antes se enquadra de forma subreptícia num de dois quadros: ora como estratégia no programa de expressão e educação musical³, ora como estratégia no programa de expressão e educação físico-motora⁴.

Alguns dos jogos de exploração do corpo e do espaço desenvolvidos ao nível da expressão dramática potenciam também alguma base para o desenvolvimento do movimento, se bem que não necessariamente da dança.

Claramente se compreende que, apesar de todas as expressões estarem unidas por um vínculo (mais ou menos forte) de actividade física e motora, e por princípios estéticos comuns de carácter macrotextual (como os princípios do contraste, da semelhança, da gradação, da repetição, e outros), elas constituem, porém, linguagens autónomas, com sequências conceptuais, aspectos técnicos e ambientes afectivos específicos, requerendo, por isso, a mão treinada e sabedora, senão de um mestre, pelo menos de alguém que na sua formação, (à semelhança do que acontece com as outras disciplinas), tenha sido orientado/a por um professor da especialidade durante um razoável número de anos.

Num contexto de formação de professores do ensino básico, cujas componentes artísticas apresentam a fragilidade natural de um percurso escolar ao longo do qual as artes foram ausentes ou intermitentes, acções de formação ou cursos de curta duração como o ministrado pelo Professor Padovan em Braga de 21 a 25 de Fevereiro são, de facto, *chuva abençoada em terra sequiosa*.

O curso seguiu a estrutura apresentada no livro. Antes de cada dança era dada uma pequena explicação sobre o seu contexto social, geográfico e histórico, passando-se depois à aprendizagem da estrutura, numa correspondência directa com a estrutura musical.

Os passos específicos de cada dança, bem como as figuras coreográficas (tais como “arcos”, “espirais”, “túneis” ou “serpentes”) foram objecto de um trabalho afinado por parte dos alunos (três horas diárias) e paciente por parte do professor.

Salienta-se também a conferência do dia 23 de Fevereiro, “*Dança, Música, Arte e Sociedade: Um projecto didáctico pluridisciplinar entre a história e a tradição,,* na qual o professor Padovan apresentou e ilustrou com *slides*, um breve percurso histórico da dança nas vertentes cortesã e popular, e onde salientou e resumiu, esquematicamente, os principais aspectos contidos na dança enquanto actividade didáctica:

1. Consolidação e coordenação dos esquemas motores de base

A. Coordenação segmentária

- * Capacidade de usar os membros inferiores e superiores, quer independentemente, quer coordenadamente.

B. Lateralidade

- * Organização espaço-temporal
- * Capacidade de utilizar o espaço da melhor maneira, de acordo com as figuras a realizar.
- * Aprender e executar, com um certo número de passos, as figuras a realizar.
Ex.: Círculo, quadrado, cruz.

C. Imitação de imagens motoras

- * Capacidade de imitar
- * Capacidade de reviver mentalmente uma ou mais partes da dança
- * Capacidade de memorizar e capacidade de representar mentalmente situações dinâmicas.

2. Potencialização fisiológica

- * Melhorar a função cárdio-respiratória
- * Reforçar a potência muscular
- * Controlar a qualidade/quantidade do movimento
- * Capacidade de usar bem a energia

3. Educação para o som e para a música

A. Percepção e compreensão

- * Capacidade de associar uma parte da dança com uma melodia.
Ex.: A musical Refrão
B musical Estrofe

B. Produção

- * Acompanhamento das danças com o instrumental possível, existente na escola.

4. Sentido rítmico

- * Capacidade de realizar movimentos a tempo

5. Sensibilidade expressiva

- * Imitação das actividades humanas
 - Géstica criativa
 - Improvisação

6. Desenvolvimento da personalidade

7. Socialização

- * Sentimento de união e solidariedade
- * Redimensionamento das manifestações egocêntricas
- * Favorecimento das relações entre as crianças
- * Favorecimento da socialização entre sexos

A partir deste esquema de Maurizio Padovan, detectamos assim quatro grandes grupos de valências na dança, enquanto actividade didáctica: algumas dizem respeito ao movimento enquanto actividade funcional, corporal e respiratória; outras relacionam a memória corporal e coreográfica com a memória musical auditiva; outras ainda têm a ver com o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, que é indissociável dos processos de socialização que ocorrem naturalmente na dança; finalmente, as valências “expressivas” mais ligadas à criatividade e à actividade estética.

Não é difícil compreender, sobretudo a partir da leitura dos três primeiros pontos anteriores, que a profundíssima riqueza de valências pluridisciplinares da dança a tem, paradoxalmente, remetido para papéis acessórios (na legislação) e tantas vezes acessórios (na consequente prática).

Trata-se de um fenómeno ao qual as outras artes também não são, infelizmente, alheias: a vertigem da interdisciplinaridade tem levado muitas vezes à negligência da formação específica nas áreas que se pretendem interligadas, e à revelação de prioridades subconscientes que continuam a remeter as artes, e muito particularmente a dança, para o papel de “catalizadores pedagógicos” de outro tipo de aprendizagens, ou então, por vezes, para o papel remediatório aplicado em estratégias de intervenção ditas “precoces” (mas que já são tardias), ou “flexíveis” (mas que deveriam ser direito de todos e não alternativas para alguns).

A justificação para a presença da dança no currículo (e, obviamente, para a de qualquer arte), deve ser defendida a partir dos seus traços distintivos, e não a partir dos traços que ela tem em comum com as outras artes ou outras disciplinas.

Como afirma Graham McFee, “se o argumento se baseia nos aspectos partilhados com, por exemplo, a ginástica ou a natação sincronizada, então não há de todo um argumento a favor da dança. Os “poderes no poder” poderão fazer tudo aquilo que é pedido – e, contudo, fazê-lo sem incluir a dança no currículo.”⁵

Graham McFee o verificou em Inglaterra; nós o confirmamos no nosso país.

Notas

¹ Giordano Bianchi, in Maurizio Padovan e Federica Calvino Prina. *La Danza nella Scuola dell'obbligo - Corso teorico-prattico per docenti della scuola elementare e della scuola media*. Milão: S. G. M. Edizioni, 1995,5.

² Está prevista, para breve, a edição portuguesa, que será dada à estampa pela Fundação Calouste Gulbenkian, e que incluirá as duas cassettes com exemplos musicais que acompanham o manual.

³ Ministério da Educação /Departamento da Educação Básica, ed. *Organização Curricular e Programas - 1º Ciclo do Ensino Básico*, 2ª ed. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação, 1998.

Excertos: (Corpo: ... experimentar percussão corporal, batimentos, palmas...; acompanhar canções com gestos e percussão corporal; movimentar-se livremente a partir de: sons vocais e instrumentais, melodias e canções, gravações; associar movimentos a: pulsação, andamento, dinâmica, acentuação, divisão binária/ternária, dinâmica; fazer variações bruscas de andamento (rápido, lento) e intensidade (forte, fraco); fazer variações graduais de andamento (“acelerando”,

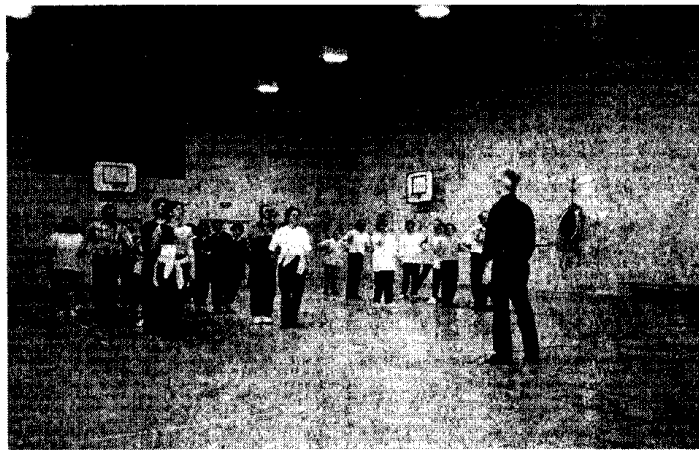
“retardando” [sic] e de intensidade (aumentar, diminuir - [sic]); participar em coreografias elementares inventando e reproduzindo gestos, movimentos, passos (pp. 75/6); Expressão e criação musical: utilizar texturas/ambientes sonoros em ...danças; organizar sequências de movimentos (coreografias elementares) para sequências sonoras; organizar sequências sonoras para sequências de movimentos; participar em danças de roda, de fila,..., tradicionais, infantis; participar em danças do repertório regional e popularizadas (pp.78/9).

⁴ Idem, *Ibidem* 1998.

Excertos: Bloco 6 - Atividades rítmicas expressivas (dança) - “Combinar deslocamentos, movimentos não locomotores e equilíbrio adequados à expressão de motivos ou temas combinados com os colegas e professor, de acordo com a estrutura rítmica e melodia de composições musicais,, (cf. todos os exemplos para os quatro anos do 1º Ciclo, pp. 63/4).

⁵ Graham McFee. *The Concept of Dance Education*. London: Routledge, 1994, 1.

Maria Helena Vieira – Assistente no Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho. M.M. (Master of Music) em piano performance, pela Universidade do Kansas, EUA.



Dois momentos do Curso de Dança em Braga

EDUCAÇÃO MUSICAL



REVISTA Nº 105

ABRIL/JUNHO 2000

ESTUDO COMPARATIVO DE
METODOLOGIAS DE EDUCAÇÃO MUSICAL
ABORDAGENS TEMÁTICAS

IV

apem associação portuguesa de educação musical

Instituição de utilidade pública Representante em Portugal da ISME - International Society for Music Education

EDUCAÇÃO MUSICAL

Revista da Associação Portuguesa de Educação Musical

ÍNDICE

José Blanc de Portugal – Breve evocação sentimental . Humberto d'Ávila	3
Criatividade musical e improvisação em Jazz David Hargreaves	5
Mesa Redonda : Voz Voz - Breves Noções Joana de Quinhones Levy	10
Mesa redonda : Aprendizagens nucleares da educação musical no ensino básico. As aprendizagens estruturantes para a iniciação ao conhecimento musical: uma proposta de reflexão Manuela Encarnação	15
Onde está a dança nas escolas portuguesas?..... Maria Helena Vieira	18
Reorganização curricular do Ensino Básico João Chaves Santos	21
Convénio Internacional SIEM – A investigação em didáctica musical Graziela Cintra	24
Centro de Documentação	26
Noticiário	28

Patrocínios

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
Instituto de Inovação Educacional
Fundação Calouste Gulbenkian
Instituto Português do Livro e das Bibliotecas

Directora: Graziela Cintra

Redacção, Administração e Propriedade: Associação Portuguesa de Educação Musical

Rua Rosa Araújo, 6 - 3.º * Telef. (351) 213 557 118 * 1250-195 Lisboa

Preço 700\$00

Periodicidade trimestral

Revista N.º 105 Abril/Junho 2000

Composição e impressão: Tip. Minerva do Comércio

Travessa da Oliveira à Estrela, 10

1200-748 LISBOA

Tiragem: 1200 exemplares

Depósito Legal N.º 88071/95

Registado nos SRIP N.º 109959

Na capa: fragmento autógrafo de L. van Beethoven – início do *allegro energico* do *finale* da 9.ª sinfonia